



O CARAPUCEIRO.

PERIODICO SEMPRE MORAL, E SÓPER ACCIDENS POLITICO.

*Hunc servare modum nostri novere libelli
Parcere personis, dicere de vitiis.*
Marcial Liv. 10. Epist. 35.

Guardarei nesta Folha as regras boas.
Que he dos vicios fallar, não das pessoas.

*O principio da honra he fraco
esteio da Moral.*

Os Philosophantes do Seculo passado, a escola Materialista, e Atheista, e quantos tem procurado combater a saudavel doutrina da consciencia, do dever, &c., conhecendo por outra parte a necessidade de dar à Moral hum motivo, ou antes hum estímulo poderoso, recorrerão ao vocabulo *Honra*, e disserão unisonos "Religião he invento dos homens: consciencia, dever, justo, e injusto he tudo chimera de imaginações fracas, ou d'astutos impostores, que sempre buscarão governar os homens, como rebanhos de carneiros. *Dor, e prazer* eis os dous unicos moveis das acções humanas: tudo, que nos dá gosto, he justo, he bello, he conveniente; tudo, que nos causa dor, he injusto, indecoroso, &c.: para que nos abstenhamos das más acções basta a noção de honra; basta reflectirmos, que taes actos nos grangeão o desprezo, e odio dos nossos concidadãos." Tal he a doutrina corrente dos Hobbes, dos Diderets, dos Helvecios, dos Volneys, dos Holbacs, dos Ben-

thams, &c. &c.

Que fragil base dão taes senhores à Moral! Em verdade o que he honra, se não a estima, q' os outros prestão às nossas boas acções? Logo naquellas acções, que escaparem à vigilancia das leis, e à curiosidade do proximo, n'aquellas acções, que não tiverem por testemunhas, se não os olhos d'Aquelle que escreta os corações, e penetra até os rins, do que serve o pensamento da honra? Suponhamos hum desses Philosophos materialistas grandemente apaixonado pela formosa esposa do seu melhor amigo (se he, que pode ter amigos quem não crê em Deos): suponhamos, que possa ultimar os seus criminosos desejos sem que o saiba o esposo, sem que o saiba mais ninguém; accaso será capaz de o conter por hum só momento a ideia da honra? Será esta poderosa no animo d'aquelle, que poder defraudar os bens da viuva, assenhorear-se dos do orfão, &c. sem que se lhe possa provar o furto? Será sufficiente a honra para reprimir o braço d'aquelle que o tem levantado para arrancar a vida ao seu inimigo, tendo

além toda a certeza de que o seu crime, não só ficará impune, senão que será ignorado de todo o mundo? Ah! Se a mesma crença em as verdades terribéis da Religião muitas vezes nos não contém, e não pôe diques á torrente caudalosa das paixões; como o lará huma cousa tão precaria, tão variavel, e tão fallivel, qual he a honra?

Além disto se recorreremos a Historia do genero humano, se attentarmos para a nossa propria experiencia, que pezo deveremos dar a essa tão preconizada honra! Por ventura, discorrendo pelos fastos das Sociedades, vemos nós, que a virtude sempre merecesse a estima, e o galarão dos homens? Qual a sorte de Socrates? Qual o premio de Justo Aristides? Que aproveitou a Cato a sua austeridade, a Focião a sua inteireza? Muitos dos maiores homens, que se sacrificarão pela sua Patria, que premio receberão desta? A inveja dos seus rivaes, a perseguição dos ambiciosos, a indifferença do maior numero. E o mundo infamou jamais ao rico, e poderoso, por mais criminosas, q' sejam as suas acções? Não he mister, q' nos remontemos ás idades antigas, nem que consultemos os Annaes de paizes estranhos; recorramos á historia contemporanea, olhemos para o nosso Brazil, e vejamos, se o desreconheito, a deshonra, e infamia andão a par e passo das más acções.

Comecemos a contemplar o quadro de mais alto. Será ignorado d'alguem no Brazil, que alguns agentes do Poder tem roubado, e delapidado escandalosamente os dinheiros publicos? Que homens, que quasi de nenhuma fortuna gozavão, quando na vida privada, apparecem ricos, e faustosos apenas empulção os Empregos publicos? E qual a de honra, que se lhes tem seguido? Todos os festejão, todos lhes fazem zumbais, todos se prezão da sua amizade, as folhas publicas tecem-lhes elógios, a sua probidade anda na bocca das mais brillhantes companhias: onde está o des-

credito do tãz homem? O Magistrado P. não em leilão as sentenças, e neste trafico vergonhoso tem adquirido riquezas, com que mantêm o seu fausto magico: he elle acaso desprezado, mal visto, mal tractado da gente principal? Não certamente: em quanto a pobre viúva chora em hum canto da sua morada de dor e injustiça, que a privou de seus bens, e a reduziu á miseria, e a seus filhinhos: em quanto o innocente orfão jaz espaçoso, e privado da herança de seus pais por iniqua sentença desse Magistrado; o rico, o poderoso, o grande frequentão a casa deste, que se vê rodeado da mais brillhante companhia, e consegue tudo quanto pretende. Onde está pois o estímulo da honra para este homem? Como arrepiará carreira na estrada dos vícios, e dos crimes, se esta para elle he orlada de flores, se ignominia em fim não lhe venem na os dias de sua gloria, e má presenteira existencia?

Quantos adquirem riquezas por meios ilícitos, quantos, depois de as adquirirem, são flagellos da pobreza, arrancando o pão da innocente bocca do pupillo, reduzindo á nuca a desamparada viúva! E vemos, que taes monstros de deshumanidade, e de avareza incorrão por isto na exacração publica? Pelo contrario a estima, a consideração, os respeito, as cortezias parecem crescer para com elle na razão directa do augmento dos seus cabedouros, são alus quizes form os canchãos tortuosos, por cujos os adquirio. Há ha a grande falta de generos de primeira necessidade: o ambicioso especula sobre a miseria publica; ainda vir facillitas, por ex., em que ganha mais de 30 por cento: e por isso observa aos, que este homem, que enriqueceo á custa das lagrimas, e dos maiores sacrificios da pobreza, perca os titulos de homem de bem, e encarra no descredito do publico? Ninguém vê tal; antes todos o acolhem, todos o mesurão, todos procurão o seu valimento, e protecção.

A honra mundana he o mais fraco, o mais caduco alicerce, que se pode dar á Moral. Ah! Quantas pessoas virtuosas vivem deslembreadas, e até desprezadas, quantas acabão apezada existencia no leito da dor, e da miseria, ao mesmo passo que o rico, o poderoso, o grande, saturados de vícios, andão nos Annaes da Fama, e recebem o incenso da dependencia nos impuros altares da lisonja! Quantas vezes o triste escravo de hum Lord he muito melhor homem, que seu senhor; mas este rinha todos os favores, e attensões; aquelle vive intrinsecamente ignorado, e geme sob o latigo de seu caprichoso tyranno! Quem he pois, que sinceramente queira assentar a sua virtude sobre hum fundamento tão instavel, tão precario, e incerto? Mas a Philosophia encorajou o seculo 18 tinha suas regras para facto precosisar a honra, querendo substituir a consciencia, a Lei do dever, a Religião em fim; por que não sendo a honra outra coisa mais, do que a estima em que os outros nos tem, muy facil he vestirmos os nossos vicios com a libré da virtude, e gozarmos de veneração, quando só mereceramos a execração da Sociedade. De mais a honra pde adquirir-se pelo flangimento, e hypocrisia; mas a consciencia he juiz inexoravel, perante o qual não há illusões, nem transigencias: a honra está dependente dos outros: a consciencia tem o seu terrivel tribunal dentro de nós mesmos; a honra, muy susceptivel d'enganos, muitas vezes concede os seus favores ao maior malvado; a consciencia atormenta com o aguilhão dos remorsos a alma pe mais gloriosa, e no meio dos plausos do seu povo: a honra em fim incensa o mais perverso, a consciencia censura, rejeita, e castiga esses povos hallucinados, he freguesia d'orgulho, e escravos da sua vaidade, querendo estabelecer o predominio das paixões e por isso forçosos lhas he de desplumar as suas doutrinas da consciencia, do dever, e da propria existencia de hum Deus, juiz Supremo, e integerrimo castigador da iniquidade.

Quando a Revolução Francesa fochou os Templos do Senhor, e derrubou os seus Altares, hum voz to milavel retumbou no solo d'anarchia para fallar de Deus, e da Moral a essas turbas inebriadas, e sangrentas, que lhe escoltavão o carro, profereudo horrendas blasfemias. A obra dos Philo-sophos estava consummada; mas ia muito além dos factos, cuja logica he irre-sistivel. Não havia meio de conservar ordem alguma de cousas com os principios famelicos, que haviam destruido a antiga. Os Poyos adargados da sua incredulidade, e

do seu direito de exame, podião entastiar-se das proprias saturnaes da sua furiosa liberdade, e era preciso apparecer hum reaccão no espirito da mentira, que chegira muito além de toda a expectação. O novo Idolo da França devia pois aplaudir a queda do Christianismo, e combater ao mesmo passo os principios do Philosophismo, ou ao menos as suas terribes consequencias. Esse Missionario, cujo nome permanece medonho na memoria dos homems, propoz o culto do Ente Supremo, aberração monstruosa no meio das aberrações dessas dias de luto, e de desgraças. Tinha esse culto por Ministros a todos os homems, cuja alma se declarava immortal pelo mesmo Decreto: seu templo era a natureza, e seus altares as feiras, onde os tributos da França lacrimosa llo alardear o luxo insolente do seu poder. Mas se por hum parte este espectaculo confirmava a humanidade, por outra he ao menos curioso o ver em que termos fallava dos Philo-sophantes o apostolo dessa nova tentativa de regeneração Religiosa; por que no triumpho momentaneo do erro há sempre hum confusão importante da sua propria fragueza." Esta socie, dizia esse homem, em materia de Politica ficou sempre a baixo dos direitos do povo; em materia de Moral foi muito além da destruição dos prejuizos Religiosos. Declamavão algumas vezes os seus corifeos contra o despotismo, e erão pensionados pelos despotas: humas vezes fazião livros contra a Corte, e outras fazião dedicatorias a os Reis, já discursos contra os Antigos, já madrigaes em louvor das vanidades destes: elles erão em summa soberbios em seus escriptos, e viz aduladores nos palacios dos Grandes. Esta socieita propagou com muito zelo a apoição do materialismo, que prevaleceo entre os poderosos, e bellos espiritos da modn; a ella se deve em parte essa especie de Philosophia pratica, que reduzendo a systema o Regalismo, considera a sociedade humana, como huma guerra de co-tharia, o successo, como a regra do justo, e do injusto, a prohibiçao, como hum negocio de gosto, e de mera decoreta, o mundo, como patrimonio de viciados astuciosos."

E quem he e se humem, que assim stigmatiza a Philosophia revolucionaria? Quem he esse, que caracteriza-lhe os resultados com tão perfeita clareza de ideias, no meio de todos aquelles, que não chegaram a assentar-se sobre as ruínas da ordem social, se não em virtude dos seus soffrimentos? Esse Pontifice do novo Culto era o fa-anhoso Robespierre!!! Que lição para as gerações presentes! Que verdades proferidas por hum discipulo entusiasta, e mimoso do Philosophismo!

Que cousa he honra sem Religião? Que apreço fará da primeira quem não possue a segunda? Que pejo, que receio, que temor terá dos homems quem não tem gravado em seu

coração o Santo temor de Deos? Olhemos para todos os seculos, olhemos para a propria experiencia, e convencer-nos-hemos, que a Religião de Jesus Christo he a fonte das luzes, e da civilisação; que só ella dá força, e gloria aos Imperios; que he o laço mais poderoso para unir os homens, para promover a harmonia, e prosperidade das familias, para sustentar a coragem do homem nos revezes, para subministrar doces consolações, compensações infinitas a os males inevitaveis desta vida: que nada há mais sublime, que a sua Moral, nada mais amavel, e pomposo, que seus Dignas sua doutrina, e seu culto: que a Religião de Jesus Christo favorece o engenho, apura o gosto, desenvolve as paixões virtuosas, dá calor, e força ao pensamento, subministra nobilissimas invenções ao Escriptor, e modelos perfectos ao Artista: que a Religião do Homem Deos em fim he a unica taboa de salvação nos mares tempestuosos desta vida; que em sua observancia cifra-se toda a honra, toda a gloria, todo o prazer duravel, toda a felicidade humana. Concluirei este Artigo com as seguintes palavras do conde Pecchio na sua Historia da Economia Politica na Italia " He inutil cuidar em Artes, em Agricultura, em Commercio, e em Administrações, se se não euid: em reformar os costumes, modelando-os pelo Evangelho: por que em quanto os homens acharem conveniencia em ser velhacos, não devemos esperar grande coisa dos trabalhos methodicos: assas experiencia tenho destas cousas. "

VARIEDADE.

Apologo do Sr. Lickwer.

Certo pai de familia mui honrado, e não menos rico, tinha trez filhos; e querendo antes de sua morte metellos de posse da sua heranca, repartio por elles com justiça, e igualdade tudo quanto possuia; e depois de feita a partilha, disse-lhes " Resta-me ainda huma joia mui preciosa, a qual não podendo ser partida, a reservo para aquelle de vós, que melhor a merecer pela pratica d'

alguma acção nobre, e generosa para o que lhe dou trez me es. " E actuou cada hum dos filhos de dar ordem á vida; tomouo differente destino: e quando foi to fim dos trez mezes apparecerão perante seu pai, que tambem fazia de juiz; e eis aqui como lhe fallo o mais velho. " Meu Pai, durante o tempo, que andei por fóra, acio teceio-me encontrar hum forasteiro, que por certas circumstancias da sua vida se vio obrigado a confiar-me todos os seus cabedaes: elle não exigio de mim nenhuma declaração por escrito, e portanto não podia nunca justificar, que na minha mão tinha a sua riqueza: eu com tudo não abusei da sua boa fé, e entreguei-lhe novamente tudo que de mim tinha confiada. He não he esta fidelidade huma acção digna de loovar? " — Meu filho, lhe respondeu o pai, ta fizeste o que devias; de vergonha morreria eu, se d'outro maneira procedesses; por quanto a probidade he hum dever. a acção, que praticaste he hum acto de justiça, mas não de generosidade. " Seguiu-se o filho segundo a fallar, e assim disse -- Durante a minha viagem aconteeo-me estar hum dia nas bordas de hum lago a tempo que cahia dentro d'agoa hum menino: dei-me pressa em lhe acudir, e com tanta felicidade, que lhe pude deitar a mão, e salválo na occasião, em que elle já ia afogar-se. " Está mui bem, lhe tornou o velho; mas nessa acção, que praticaste, há só generosidade: falta-lhe ainda a nobreza. -- Veio por fim o terceiro, e tomou a mão dizendo -- Meu pai, eu encontrei huma vez o meu maior inimigo deitado a dormir sobre hum despenhadeiro, o que creio, lhe succedera por ter perdido a noite, e com hñ pequeno empuxo, que lhe desse, far-se-hia pedaços sem que ninguém lhe pudesse valer: a sua vida estava nas minhas mãos; mas eu tive por cousa vil aproveitar-me dessa occasião; tomei por melhor expediente acordalo mansamente, e com toda a cautella necessaria para elle não cahir no precipicio, e fui eu mesmo quem o ajudei a livrar delto -- " Ah! meu filho, exclamou o bom pai todo transportado em jubilo, e abraçando-o carinhosamente, he ati sem questão, que pertence a joia: eila aqui seja eila para toda tua vida o maior titulo de tua nobreza e o mais vivo testemunho de minha amizade. "